

**Processos de flexão na formação de sinais: um estudo das gírias utilizadas pela  
comunidade surda de São Luís – MA**

**Esteliude Santos Cardoso<sup>1</sup>**

**Ricardo Oliveira Barros<sup>2</sup>**

**Maria Nilza Oliveira Quixaba<sup>3</sup>**

**RESUMO:** Este estudo teve como objetivo compreender os processos morfológicos de formação de sinais das gírias utilizadas pela comunidade surda de São Luís; e como pergunta de pesquisa: Como as flexões se manifestam na morfologia dos sinais de gírias utilizadas pela comunidade surda de São Luís? É um recorte da pesquisa de finalização do curso de Letras Libras da primeira autora. Coloca-se como uma proposta para elucidação e ampliação das discussões sobre os processos de formação de novos sinais que concorrem à anexação ao léxico da Libras, aqui em especial. Como referencial teórico relacionado ao estudo da morfologia, buscaram-se Quadros e Karnopp (2004), Aronoff, Meir e Sandler (2005), Faria-Nascimento (2009; 2013), Quadros (2019) e Quadros *et al.* (2023), entre outros autores. Sobre gíria, citam-se Preti (1984; 2000) e Silva (2008). Sobre gírias em Libras, recorreu-se a Silva (2015) e Cruz (2020). A pesquisa é um estudo descritivo qualitativo e quantitativo dos sinais presentes na categoria gíria no site Maranhão em Sinais. No estudo base desse artigo, foram identificados vários processos morfológicos de formação de sinais, aqui são apresentadas as flexões: 06 (seis) sinais-gíria com processos morfológicos de flexão de concordância, e 20 (vinte) sinais com flexão de aspectual. A flexão de concordância pode ser identificada pela alteração da direcionalidade do movimento, que torna possível saber quem executa ou recebe a ação. A flexão aspectual está ligada ao uso de expressões não manuais.

**Palavras-chave:** Libras; gírias; morfologia.

**ABSTRACT:** *This study aimed to understand the morphological sign formation processes of the slang used by the deaf community of São Luís; and it tries to answer the following question: How is possible to identify inflections in the morphology of slang signs used by deaf community in São Luis? This research shows a part of the research made by the first author When she concluded the graduation in Letras Libras, with the supervision of the two other authors in this article. It is important because it can help the research about Libras morphology, and elucidate questions about the formation of signs. As a theoretical framework for the study of morphology, we used Quadros and Karnopp (2004), Aronoff, Meir and Sandler (2005), Faria-Nascimento (2009; 2013), Quadros (2019) and Quadros et*

---

<sup>1</sup> Especialista em Libras. licenciada em Letras Libras. E-mail: esteliudesantos@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Letras Língua Portuguesa e Libras da Universidade Federal do Maranhão. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Acessibilidade, Língua de Sinais e suas Interfaces (GEPALSI). Doutor e mestre em Estudos da Tradução. E-mail: ricardo.barros@ufma.br.

<sup>3</sup> Professora do Curso de Letras Língua Portuguesa e Libras da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Informática na Educação, mestra em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa em Acessibilidade, Língua de Sinais e suas Interfaces (GEPALSI). E-mail: maria.nilza@ufma.com.

*al. (2023) and other authors. About slang, we used Preti (1984; 2000) and Silva (2008). We turn to Silva (2015) and Cruz (2020) to talk about slang in Libras. The research is a qualitative and quantitative descriptive study of the signs present in the slang category on the Maranhão em Sinais website. In the first research, that is base for this article, we identify various morphological process in formation of slang signs, but here we focus in inflections: 06 (six) slang signs with morphological processes of concordance inflection, 20 (twenty) signs with aspectual inflection. The concordance inflections can be identified by the change on the movement direction of the sign, that makes possible to know who makes or receive the action. The aspectual inflection can be identified using non-manual expressions.*

**Keywords:** Libras; slang; morphology.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como objetivo compreender os processos morfológicos de flexão na formação de sinais das gírias utilizadas pela comunidade surda de São Luís. É um recorte da pesquisa de conclusão de curso de Letras Libras realizada pela primeira autora, orientada pelos coautores desse artigo. Em tal pesquisa, realizou-se a análise do banco de dados do site Maranhão em Sinais, dentro da categoria semântica selecionada, e elencaram-se os processos que formam cada sinal. Esse artigo apresenta os dados que tangem aos processos de flexão, somente.

Esta investigação se propõe a contribuir e, ao mesmo tempo, ampliar as discussões e os estudos sobre os processos morfológicos que podem ser observados nos constituintes da Língua Brasileira de Sinais (Libras), de forma regionalizada, pois o objeto em análise diz sobre as maneiras identitárias locais de expressar tal língua. Entende-se também que tal investigação se coloca como uma proposta para a elucidação e a ampliação das discussões sobre os processos de formação de novos sinais que concorrem à anexação ao léxico da Libras.

Neste sentido, esta investigação que teve como pergunta de pesquisa: Como as flexões se manifestam na morfologia dos sinais de gírias utilizadas pela comunidade surda de São Luís?

As gírias, como fenômeno linguístico, sócio-histórico e político, costumam ser utilizadas em contextos informais e carregam valores culturais das comunidades. Assim,

estudar essas manifestações *in loco*, pode nos evidenciar facetas do aspecto estrutural dos sinais correspondendo ao recorte temático elegido. Por sua vez, conhecer tais aspectos, torna-se essencial para aqueles que adentram à comunidade surda e ao aprendizado da Libras, visto que esses elementos linguísticos fazem parte da comunicação cotidiana em língua.

## MORFOLOGIA DA LIBRAS

Ao investigar os processos de formação de sinais, esta pesquisa se ampara no campo de pesquisa linguística da morfologia, que, segundo Santana (2013), é parte da gramática em que se trata da estrutura interna de palavras simples e complexas. Na morfologia, as palavras são estruturas, ou seja, são formas analisáveis em unidades menores a que se dá o nome de constituintes morfológicos ou morfemas (Villalva, 2007. p. 15). A Libras, como uma língua natural de modalidade gesto-visual como são as demais línguas de sinais, demanda processos de formação de sinais (as palavras das línguas sinalizadas) que podem diferir daqueles das línguas vocais-auditivas, embora em alguns pontos tenham alguma relação.

A morfologia da Libras é um ramo da linguística que estuda a estrutura interna, a formação e a classificação dos sinais. A definição de Quadros e Karnopp (2004) retoma o status de língua natural da Libras e, assim, define morfologia como:

“Morfologia” é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra morfema deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os morfemas são as unidades mínimas de significado (Quadros; Karnopp, 2004, p. 86).

Nesse sentido, é possível dizer que, na Libras, há possibilidade factível de combinação dessas unidades mínimas com significado, que são os morfemas, para formar outros elementos significativos, resultando disso, inclusive, seu léxico.

Conforme Faria-Nascimento (2013), nos estudos sobre as línguas de sinais, a morfologia ampara-se nas definições encontradas nos estudos das línguas vocais-

auditivas, embora o foco de análise dos fenômenos tenha-se ampliado em vários aspectos. Assim, a autora adverte: “a morfologia das línguas de sinais tem características específicas, as quais precisam ser descritas e analisadas a fim de que seja encontrada a morfologia que corresponde especificamente à LSB [Língua de Sinais Brasileira]” (2013, p. 80).

Para as línguas vocais-auditivas, como a Língua Portuguesa, palavras complexas são muitas vezes formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz; mas, “nas línguas de sinais, essas formas resultam frequentemente de processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 87). O que coaduna com a visão de Faria-Nascimento (2013, p. 84), para quem elementos se ligam aos radicais dos sinais como afixos (ou sobrefixos) e, por conseguinte, produzem processos gramaticais, por exemplo, a “composição” e a “derivação” dos sinais.

A natureza de tais elementos que contribuem para esses processos morfológicos é explicada por Felipe (2006), que afirma que os parâmetros da Libras, considerados como fonemas na literatura, também podem ser morfemas ou afixos:

[...] os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais: concordância para gênero, para pessoa do discurso e para locativo, ou são afixos que se justapõem à raiz verbal ou nominal. Portanto, em relação aos seus processos de formação de palavras, a Libras é uma língua flexional, embora tenha também características de língua aglutinante, que podem ser percebidas a partir da formação de sinais pelos processos de composição e incorporação (Felipe, 2006, p. 200).

Assim, compreende-se que os traços dos sinais podem constituir morfemas, e que estes podem ocorrer tanto com os radicais do sinal ou quanto com o aspecto do sinal que sofrerá alteração. Com base nisso, Faria-Nascimento (2013, p. 83) trabalha na descrição de morfemas livres – “quando ocorrem isolados” – e morfemas presos – “quando não podem ocorrer isolados” –, advertindo que ambos são analisados e definidos na

relação de ligação com outros morfemas. E que essa junção de morfemas livres e presos provoca o processo de flexão de sinais.

O exemplo abaixo, extraído de Quadros *et al.* (2023, p. 185) demonstra o funcionamento de tal relação com o morfema livre LÍNGUA-DE-SINAIS – que é considerado livre por não depender de um outro sinal anexado a ele para significar algo – ao qual se junta o morfema que carrega a ideia de inferioridade, representado pela forma da boca ao sinalizar, considerado um morfema preso – visto que se separado do sinal ao qual está anexado, não conseguiria sentido completo. Juntos formam o sentido de “língua de sinais inferior”, expressando a ideia de que alguém sinalizava sem fluência em Libras.

Figura 1 – LÍNGUA-DE-SINAIS^INFERIOR (morfema boca, morfema preso)



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p. 186).

Esse tipo de construção morfológica ocorre com a característica da simultaneidade, haja vista que os morfemas presos se articulam ao mesmo tempo que os livres, não sendo possível determinar se são prefixos ou sufixos, somente afixos ou sobrefixos. Com base em exemplos parecidos a esse, Aronoff, Meir e Sandler (2005) concluem que há dois tipos de estruturas morfológicas que se diferem nas línguas de sinais: sequencial e simultânea. A morfologia simultânea, em grande parte, é flexional, e a morfologia sequencial é derivacional.

Para os autores acima citados, a morfologia simultânea tem, como base constituidora, a própria modalidade de sua transmissão, ou seja, gesto-visual, dando evidência para sua característica com base na iconicidade. Ela consiste na “superposição da estrutura morfológica da unidade canônica locação – movimento – locação. Assim, um

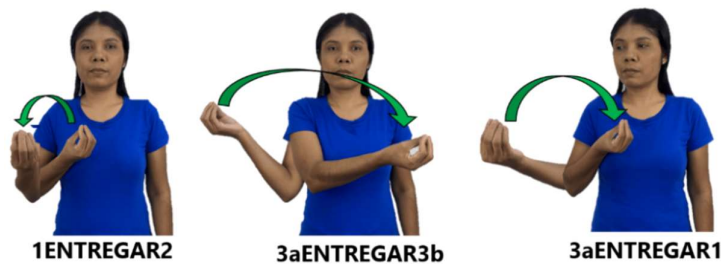
movimento se sobrepõe ao movimento existente determinando a flexão morfológica” (Quadros, 2019, p. 73). O resultado é a determinação de marcações que estabelecem concordância, ou de marcações de aspecto, ou de número.

Quadros (2019) afirma que os aspectos gramaticais são percebidos alterando a direção de movimentos, ritmo ou forma do percurso do sinal. Esse tipo de flexão é observado nos verbos de concordância, assim como na marcação de número, substantivos e classificadores. A seguir, abordamos os tipos de flexão apresentados por Quadros (2019), e Quadros *et al.* (2023), com base em exemplos.

### Flexão de concordância

Na flexão de concordância consiste na alteração de um aspecto do movimento do sinal, a sua direção, ocasionando na marcação das pessoas do discurso, a saber, primeira, segunda e terceira pessoa, tanto do singular quanto do plural. Como exemplo, abaixo, apresenta-se o verbo ENTREGAR.

Figura 2 – Flexão de concordância no verbo ENTREGAR



Fonte: Cardoso (2024, p. 26).

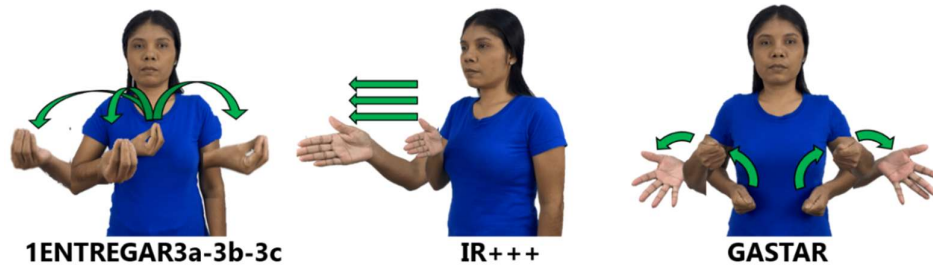
Na Figura 2, acima, o mesmo verbo aparece flexionado em 3 conjugações, que são marcadas pelo movimento da mão em direção a diferentes locações no espaço. Essas locações representam mentalmente as pessoas do discurso. Assim, uma locação próxima do sinalizante indica a primeira pessoa, a locação próxima da pessoa para quem o rosto da sinalizante está voltado indica a segunda pessoa, e um ponto do espaço à lateral do rosto do sinalizante indica a terceira pessoa (Silva, 2019). A direção do movimento indica os

agentes da passiva e da ativa, argumentos do verbo, o movimento inicia em quem executa a ação, e termina em quem sofre a ação. Dessa forma, seguindo as setas indicadas nas imagens podemos dizer que a primeira imagem da esquerda para a direita significa: “eu entrego a você”, a segunda: “ele(a) entrega a ele(a)”, a terceira: “ele(a) entrega a mim”.

### Flexão aspectual

No exemplo acima de flexão aspectual, os três verbos flexionados sofrem a alteração na frequência do movimento para demonstrar o aspecto de modo na ação verbal em cada um. Essa flexão estaria ligada à ideia de duração da ação verbal, incluindo as ideias de ação pontual, durativa, frequente, distributiva, e outras formas que dizem respeito a como a ação se fez ou faz realizar (Teixeira; Leitão, 2013; Quadros; Karnopp, 2004). Na Figura 3, apresentamos três exemplos de flexão aspectual.

Figura 3 – Flexão aspectual nos sinais ENTREGAR, IR e GASTAR



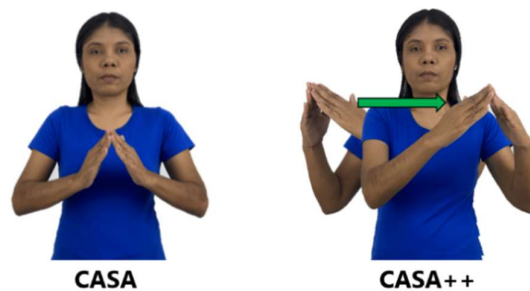
Fonte: Cardoso (2024, p. 27).

No exemplo, o verbo 1ENTREGAR3a-3b-3c ganha várias direções diferentes na sua representação, esse direcionamento indica o aspecto do verbo que é distributivo, isto é, um agente a executa para vários outros agentes. Já o verbo IR+++ possui marcações de repetição do movimento em uma mesma direção, indicado na imagem por três setas e, na glosa, pelos grafemas “+++”; essa repetição maior indica a frequência da ação verbal. E o verbo GASTAR é representado com as duas mãos, o que poderia ser feito só com uma, mas aqui acrescentando-se o aspecto de intensidade.

### Flexão de número

Na flexão de número, a ideia de plural pode ser representada com a repetição de sinais, como é mostrado na Figura 4. A partir da repetição do sinal CASA, faz-se o plural deste referente e isso acontece em lugares diferentes.

Figura 4 – Flexão de plural no sinal CASA



Fonte: Cardoso (2024, p. 27).

Conforme Quadros (2019), e ilustrado por meio dos exemplos mencionados nos itens acima – flexões de concordância, aspectual e de número –, de fato, há a sobreposição de estruturas; principalmente, em se tratando do movimento do sinal e da sua locação para demonstrar a flexão morfológica. Para a autora, em todos os casos, um movimento específico foi sobreposto para determinar as marcações de concordância, aspecto ou número, uma vez que “Esses tipos de flexões são observados em várias línguas de sinais” (Quadros, 2019, p. 73).

### Gírias em Libras

Para Preti (1984), as gírias são como marcas (ou signos) que surgem com significados que, apesar de secreto no princípio, acabam por caracterizar grupos sociais restritos e tornam-se exclusivas de tais comunidades. Por esta definição, o autor deixa sobressair os aspectos sócio-políticos de organização e a identidade de grupos marcados por peculiaridades e, por que não, de alteridades. O autor salienta que a gíria servirá como elemento identificador, em função do crescimento do sentimento de união e



pertencimento que liga membros desses grupos, diferenciando-os na sociedade e servindo como uma forma ideal de comunicação e de autoafirmação.

Segundo Preti (2000, p. 63), a gíria “se refere a um fenômeno tipicamente sociolinguístico” e que pode ser estudado sob duas perspectivas: gíria de grupo e gíria comum. Na primeira perspectiva, envolve vocabulário de grupos restritos no qual inclui os grupos jovens ligados à dança, à música, a diversões, aos pontos de encontro nos shoppings, à universidade, dentre outros.” Já na gíria comum, o autor destaca o “fenômeno da vulgarização das gírias” que ocorre quando essas gírias saem somente das trocas entre os membros de grupos específicos e se tornam parte do vocabulário conhecido por muitos usuários da língua, “perdendo sua identidade inicial” (Preti, 2000, p. 65-66).

Silva (2008) vem afirmar que:

A sociedade vê a gíria como uma variante de baixo prestígio, pois está ligada a linguagem do jovem inconsequente, das pessoas sem cultura, ou as gírias de grupo (calão) que está conectada a atividades marginais, o que para muitos surge como preconceito, no entanto quando essas gírias saem da extensão privada e se convertem na linguagem pública, tornam-se uma linguagem comum e usada por todos. E para que esta continue sendo aceita, sem preconceitos, é importante que os usuários da linguagem, utilizem-na no âmbito correto. (Silva, 2008, p. 44).

Por esta reflexão acima da autora, há forte disputa social em se tratando das campanhas de marginalização para com o uso e a origem das gírias, o que dá indícios sociais de preconceito linguísticos, econômicos e de outras ordens. Ainda, a autora vem afirmar “que a gíria é uma transição da vida das palavras: sai do vocabulário comum, vai para a linguagem de grupo, depois se desgasta, volta para a linguagem comum ou desaparece” (Silva, 2008. p. 38).

Na Libras, os processos que envolvem a criação dos sinais, correspondentes às gírias nos contextos de uso, foram observados por Cruz (2020), que ressalta algumas peculiaridades desse fenômeno. A primeira delas é a maneira como os surdos usuários da Libras se organizam para usá-las em grupo que concorda com a discussão proposta por Preti (1984; 2000) e Silva (2008), ao definir as gírias de grupos. Esse uso grupal das gírias

em Libras obedece a alguns critérios segundo o autor, a saber: “o caráter sigiloso, de proteção e o fato de não serem dicionarizados” (Cruz, 2020, p. 110).

No que diz respeito à estrutura dos sinais-gírias, as regras de criação e uso são apontadas pelo autor em questão como independentes das línguas orais, apesar da proximidade e da interação de usuários desta língua para com os usuários da Libras. Na visão de Cruz (2020), estas se tornam um recurso importante para expressar crítica, ironia, desprezo e humor. Dessa forma, as gírias têm uma relação com a visão de mundo do falante o qual traduz, de alguma forma, as suas experiências. Nesse processo, as gírias são consideradas como um dos instrumentos de resistência cultural para com as representações, que expressam situações opressoras para os surdos usuários da Libras, principalmente em se tratando da relação conflituosa com o universo proposto pelos ouvintes.

Por outro lado, Silva (2015) ressalta que o intercâmbio cultural entre surdos e ouvintes resulta na ocorrência de formas de representação das gírias utilizadas pelos ouvintes da maneira em que essas possam receber um toque surdo. O autor cita, como exemplos, gírias como os termos OUXI<sup>4</sup> e VIXE, que também são utilizadas em alguns lugares com uma versão em Libras. Além disso, existem gírias sinalizadas nas diferentes regiões do país, e, em cada estado e cidade, onde há usuários da Libras, os sinais seguem as características locais e culturais de formação destes sinais (Silva, 2015). Dessa forma, esse estudo tem a relevância de investigar a natureza formadora das gírias do Estado do Maranhão, mais especificamente, de São Luís.

## METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de natureza aplicada e que pode ser classificada como descritiva, de acordo com seus objetivos. A abordagem seguida é qualitativa e quantitativa (Prodanov; Freitas, 2013). O objeto de estudo, ou seja, as gírias que a comunidade surda

---

<sup>4</sup> Para fins de referência, neste trabalho, utilizam-se letras maiúsculas ao escrever as glosas em Língua Portuguesa que se refere ao sinal. Em sinais identificados por mais de uma palavra em português, utilizamos glosas em letras maiúsculas, com as palavras separadas por hífen. Assim, MAIS-DO-QUE, embora representado por três palavras em português, é um único sinal, por exemplo.

de São Luís utiliza em seus contextos de interação, foram coletadas do site Maranhão em Sinais (<https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/gurias>). A pesquisa envolveu análise sistemática dos sinais no site sob o viés da morfologia. Os processos de formação que operam cada sinal de gíria foram tabelados, e apresentados em sua completude no trabalho de Cardoso (2024).

“Maranhão em Sinais” é o site que armazena um número significativo de sinais que são utilizados pela comunidade surda do Maranhão. Este site é o resultado do projeto intitulado “Os sinais maranhenses da Língua de Sinais Brasileira: contribuições para seu uso e difusão em ambientes digitais”. O projeto é realizado na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Departamento de Letras (DELER), situado no Centro de Ciências Humanas (CCH), e fez parte do Núcleo de Pesquisa de Ensino de Tecnologia Simbólica (NUPETS), na linha Ensino de Libras e Tecnologias. Atualmente, o projeto é gerenciado pelo Grupo de Pesquisas em Acessibilidade Línguas de Sinais e suas Interfaces (GPALSI).

Os pesquisadores e colaboradores do grupo de pesquisa coletam e gravam os sinais que são validados por surdos e, posteriormente, postados no site. São categorizadas diversos grupos de sinais, exemplificando aqui, os “sinais das gírias” que foram analisadas nesta pesquisa. Outras categorias de sinais são: Bairros de São Luís, Instituições Educacionais, Pontos Turísticos, e Municípios do Maranhão. No site Maranhão em Sinais, existem 72 sinais-gíria, mais 11 variantes, mais 2 sinais repetidos, totalizando 85 sinais-gíria; todos foram analisados.

## PROCESSOS MORFOLÓGICOS NA FORMAÇÃO DOS SINAIS DE GÍRIAS DO SITE MARANHÃO EM SINAIS

A pesquisa de Cardoso (2024) analisou esta categoria específica no site Maranhão em Sinais, e verificou a ocorrência de setenta e duas (72) entradas de gírias, mais dois (+2) sinais repetidos e onze (11) variantes, totalizando oitenta e cinco (85) sinais. Dos processos morfológicos estudados, foram encontrados: flexão de concordância, flexão de aspecto, transferência de tamanho e de forma, transferência de situação, transferência de corpo, transferência de vibração, incorporação de negação, incorporação do numeral,

metáfora equivalente na forma e no sentido, derivação a partir do léxico não-nativo, composição por justaposição e composição por aglutinação. O gráfico abaixo resume os quantitativos de ocorrências de cada processo no referido banco de dados.

Gráfico 1 – Ocorrências dos processos morfológicos no corpus pesquisado



Fonte: Cardoso (2024, p. 46).

A seguir analisaremos somente aqueles apresentados como sinais cuja formação envolve processos de flexão.

#### A FLEXÃO NA FORMAÇÃO DOS SINAIS DAS GÍRIAS DA COMUNIDADE SURDA DE SÃO LUÍS

Foram encontrados seis (6) sinais-gíria dos processos morfológicos de flexão de concordância que são os sinais: LAMENTO, MAIS-DO-QUE, RAZÃO, RAZÃO-(variante 1), TAMBÉM (variante 1) e o sinal TAPEAR. E, na “flexão de aspectual”, foram encontrados, vinte (20) sinais-gíria: DE-NADA, DEBIL-MENTAL, DUVIDO, ECA, ESQUENTADO, FARTO-CHEIO, FLAGRAR, MÃO-DE-VACA, NOSSA, NOVO-NOVINHO, O-QUE-É-ISSO, ÓDIO, ÓDIO (variante -1), PAPO, RESUMO-RESUMIR, SÓ-ISSO, TOP, ÉGUAS, SACO-CHEIO E SUMIR-DO-MAPA. Não foram encontrados sinais com flexão de número (Cardoso, 2024).

Quanto aos sinais que foram listados juntos aos que possuem **flexão de concordância**, as suas formas possibilitam a concordância com a pessoa e o número, indicando quem executa a ação e quem a sofre por meio da direção do movimento. Também pode incluir a flexão aspectual, podendo indicar a forma como a ação foi executada por meio da maneira do movimento, se contínuo, de retenção ou refreado; e ainda por meio da frequência do movimento, se simples ou repetido (Quadros; Karnopp, 2004).

Exemplo disso podemos ver no sinal-gíria RAZÃO, este sinal flexiona em pessoa e número, e também pode incluir o aspecto.

Figura 5 – Sinal-gíria RAZÃO



Fonte: Cardoso (2024, p. 48).

Nota-se, na figura, que a sinalizante representa a primeira pessoa do discurso como agente ativa, direcionando o movimento da mão configurada para a segunda pessoa, agente passiva, que recebe a mensagem. Esse sinal pode ser traduzido: “você tem razão”. Este mesmo sinal pode sofrer alteração na direcionalidade do movimento, ocasionando na

concordância com as pessoas do discurso. Também pode alterar a maneira do movimento, adquirindo, por exemplo, uma continuidade no movimento, que se tornaria “você sempre tem razão”. Mas essa segunda flexão é uma possibilidade, ao passo que a primeira é uma necessidade, ou seja, ao ser executado, inevitavelmente haverá o direcionamento do sinal para uma parte do espaço de sinalização que representará alguém. Nesse sentido, conforme o que está descrito por Quadros (2019), pode-se considerar que o sinal-gíria RAZÃO, assim como os demais listados nessa categoria, sofre flexão de concordância e pode ainda sofrer flexão aspectual.

Quanto à **flexão aspectual**, a categoria de sinais que são formados por esse tipo de alteração no movimento é a maior em número dentro do corpus a pesquisa de Cardoso (2024).

No exemplo abaixo (Figura 6) de flexão aspectual, existe o sinal-gíria ÓDIO que se flexiona. Há, respectivamente, a alteração na frequência do movimento e o direcionamento para demonstrar o aspecto do sinal.

Figura 6 – Sinal-gíria ÓDIO



Fonte: Cardoso (2024, p. 49).

A mesma forma do sinal em contexto de uso cotidiano pode significar NÃO-SABER, no entanto, utilizado como gíria, exige a flexão aspectual, como já explicada, acrescida da expressão não manual negativa. Assim, segundo Quadros (2019), retomado na Seção 3.1.2, o sinal-gíria ÓDIO, no contexto de uso, passa por flexão aspectual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar os processos morfológicos que formam os sinais de gírias utilizados pela comunidade surda de São Luís – MA, catalogados pelo site Maranhão em Sinais, criado a partir do projeto de pesquisa “Os sinais maranhenses da Língua de Sinais Brasileira: contribuições para seu uso e difusão em ambientes digitais”. E teve como pergunta de pesquisa: Como as flexões se manifestam na morfologia dos sinais de gírias utilizadas pela comunidade surda de São Luís?

Observou-se a presença de marcadores de flexão de pessoa e número, ou flexão de concordância, em seis sinais: LAMENTO, MAIS-DO-QUE, RAZÃO, RAZÃO- (variante 1), TAMBÉM (variante 1) e o sinal TAPEAR, que se manifestam pela possibilidade de alterar o aspecto da direcionalidade do movimento desses sinais, fazendo concordar com os argumentos do verbo.

Também foram identificados vinte sinais com marcadores de flexão de aspecto, quais sejam: DE-NADA, DEBIL-MENTAL, DUVIDO, ECA, ESQUENTADO, FARTO-CHEIO, FLAGRAR, MÃO-DE-VACA, NOSSA, NOVO-NOVINHO, O-QUE-É-ISSO, ÓDIO, ÓDIO (variante -1), PAPO, RESUMO-RESUMIR, SÓ-ISSO, TOP, ÉGUAS, SACO-CHEIO E SUMIR-DO-MAPA, que possuem marcadores principalmente no uso das expressões não manuais, obrigatórias para o sentido deles. A grande ocorrência de sinais com flexão de aspecto pode ser explicada pelo fato de pesquisarmos gírias, que são jargões característicos de um grupo social específico, e que expressam ideias aplicadas a situações bem específicas.

No decorrer da pesquisa, surgiram questionamentos que, mesmo não sendo o foco deste estudo, fizeram parte das discussões como: Por que temos sinais que não são gírias no glossário, e por que podemos realmente dizer que não são gírias? A nomeação dos sinais consegue transmitir a ideia que a gíria carrega? Se não, que ideia poderia ser útil para o glossário? Esses questionamentos merecem mais aprofundamento e podem ser incluídos no escopo de pesquisas futuras.

Espera-se que esta pesquisa seja um contributo para a comunidade surda, somando-se aos ainda poucos estudos sobre os sinais-gíria e auxiliando para elucidar as questões da língua em uso e da pragmática da Libras. Além disso, devem ser feitas mais pesquisas sobre a variedade de Libras do Maranhão, utilizando o banco de dados rico por

meio do site Maranhão em Sinais, e também outros projetos desenvolvidos no Estado. E, finalmente, que mais vozes maranhenses se somem ao estudo da língua de sinais de todo o território brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ARONOFF, Mark; MEIR, Irit; SANDLER, Wendy. **O paradoxo do signo morfologia da linguagem**. Idioma (Baltim). Título original: “The paradox of sign language morphology. Language (Baltim)”, 2005., [n.p.]. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3250214/>. Acesso: 30 abr. 2022.

BRASIL. **Decreto Nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm) acesso em: 4 jan. 2023.

BRASIL. **Lei Federal Nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: 2023 [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 4 jan. 2023.

BRITO, Ferreira Lucinda. **Integração Social & Educação de Surdos**. Babel Editora – Rio de Janeiro, 1993.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras**: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 1: sinais de A a H. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: Cnpq: Capes, 2015.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras**: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 1 e 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: Cnpq: Capes, 2009.

CARDOSO, Esteliude Santos. **Processos de formação de sinais**: um estudo das gírias utilizadas pela comunidade surda de São Luís – MA. Monografia (Graduação) – Curso de Letras Libras. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024. Disponível em: <https://letrasLibras.ufma.br/wp-content/uploads/2024/11/ESTELIUDE-SANTOS-CARDOSO-2024.pdf>. Acesso em 11 set. 2025.



CRUZ, Cristiano Pimentel. **Gírias na língua de sinais brasileira**: processos de criação e contextos de uso. – Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional – Curso de Pós-Graduação em Letras, Porto Nacional, TO, 2020. 116 f.

CULTURAL, CIRANDA; **Dicionário escolar**: língua portuguesa. - 1ª.ed. - Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2015.

CUXAC, Christian; SALLANDRE, Marie-Anne. **Iconicidade e arbitrariedade na Língua gestual francesa** – estruturas altamente icônicas, iconicidade degenerada e iconicidade diagramática. Título original: Iconicity and arbitrariness in French sign language – highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity. DOI: [10.13140/RG.2.1.4884.8483](https://doi.org/10.13140/RG.2.1.4884.8483) January 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/280099203> acesso em: 30 nov. 2023.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. **Estudos da língua brasileira de sinais I**. Florianópolis: Editora Insular, 2013. p. 79-113.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da LSB**: uma proposta lexicográfica. 2009. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2009.

FARIA, Sandra Patrícia de. Metáfora na LSB: Debaixo dos panos ou a um palmo de nosso Nariz? Estudos Linguísticos Grupo de Estudos e Subjetividade - **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p. 179-199, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Acesso: 29 mar. 2024.

FELIPE, T. A. (2006). Os processos de formação de palavras na Libras. **ETD - Educação Temática Digital**, 7(2), 200-217.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?**: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

HOUAISS, Antônio. [1915- 1999]. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. - 4.ed. rev. e aumentada. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

JÚNIOR, Ismair I. **Análise de mudanças morfofonológicas na Língua Brasileira de Sinais em comparação à produção em Língua de Sinais Francesa**. Monografia do Curso de Licenciatura em Letras Português Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

MARANHÃO EM SINAIS. Sítio eletrônico. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/gurias> acesso em: 22 set. 2022.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo. Edusp. 1984.

PRETI, Dino. Dicionário de Gíria. **Revista Alfa**, n. 44, p. 57-73, 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano; ERNANI, Cesar de Freitas. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. – Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller. **LIBRAS**: Linguística para o ensino superior. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice et.al (org.). **A Gramática da Libras**. Rio de Janeiro: INES, 2023 p. 511; v. 01.

RAMOS, Bruno; RIGO, Natália Schleder. O uso de transferências em narrativas produzidas por surdos: transferência de vibração em foco. **Revista ECOS**, [S. l.], v. 24, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/3045>. Acesso em: 11 mar. 2024.

SANTANA, Braulino Pereira de. MORFOLOGIA E LÉXICO ATACAM AS PALAVRAS. **Revista: Estudos Linguísticos e Literários**, N.º 48, jul-dez- 2013, Salvador: pp. 130-148.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. – (org.) Charles Bally, Albert Sechehaye- Tradução de: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blickstein- 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Alessandra Freitas da. GÍRIA: LINGUAGEM OU VOCABULÁRIO? - **Revista Philologus**, Ano 14, Nº 41. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago.2008.

SILVA, Isaack Saymon Alves Feitosa. **Gíria em Língua de Sinais Brasileira (LSB)**: Processo e Interpretação. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

STOKOE, William. **Estruturas de linguagem de sinais**: um esboço do sistema de comunicação visual dos surdos americanos. Título original: “Sign Language Structures: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf”. *Studies in Linguistics Occasional Papers*, n.º 8, BuffaloNY, 1960.

TEIXEIRA, Vanessa Gomes; LEITÃO, Catarina Modesto de C. Flexão Veral em Libras e em Língua Portuguesa: análise contrastiva. **Revista Philologus**, Ano 19, Nº 55. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2013.

VILLALVA, Alina. **Morfologia do Português**. Universidade Aberta 2007. All content following this page was uploaded by Alina Villalva on 02 May 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324824196> acesso em: 10 mai. 2023

XAVIER, André Nogueira. A estrutura interna dos sinais da Libras à luz do modelo de análise fonético-fonológica de Liddell e Johnson (1989); -*In*: **Libras em estudo: descrição e análise**. ALBRES, N. de A.; XAVIER, A. N. (org.). – São Paulo: FENEIS, 2012.

XAVIER, André Nogueira; NEVES, Sylvia Lia Grespan. Descrição de aspectos morfológicos das Libras. **Revista Sinalizar**, v.1, n.2, p. 130-151, jul./dez.